



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICHS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - DEHIS**

IONÁ BARBOSA BONFIM ROCHA

**A INFLUÊNCIA DO OLODUM NA VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO EM
MACIEL/PELOURINHO, SALVADOR, BAHIA**

**Mariana - Minas Gerais
Dezembro 2023**

Ioná Barbosa Bonfim Rocha

A influência do Olodum na valorização da cultura afro
em Maciel/Pelourinho, Salvador, Bahia

Trabalho de Conclusão de Curso do Instituto
de Ciências Humanas e Sociais da
Universidade Federal de Ouro Preto como
requisito parcial para a obtenção de título da
Graduação em História

Orientadora: Professora Doutora Ana Mônica Henriques Lopes

Mariana - Minas Gerais
2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R672a Rocha, Iona Barbosa Bonfim.
A influência do Olodum na valorização da cultura afro em
Maciel/Pelourinho, Salvador, Bahia. [manuscrito] / Iona Barbosa Bonfim
Rocha. - 20242024.
18 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Ana Mônica Henriques Lopes.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Associação Carnavalesca Bloco Afro Olodum. 2. Cultura afro-
brasileira. 3. Pelourinho (Salvador, BA). 4. Autoestima. I. Lopes, Ana
Mônica Henriques. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 398(813.8)

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM
HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ioná Barbosa Bonfim Rocha

Influência do Olodum na valorização da cultura afro em Maciel/Pelourinho, Salvador, Bahia.

Monografia apresentada ao Curso de História Bacharelado da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Aprovada em 05 de fevereiro de 2024.

Membros da banca

Doutora - Ana Mônica Henriques Lopes - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP)
Doutora - Daniel Wanderson Ferreira - (Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP)

Ana Mônica Henriques Lopes, orientadora do trabalho aprovaram a versão final e autorizaram seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 11 de abril de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Alvaro de Araujo Antunes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/04/2024, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0696416** e o código CRC **C86753D0**.

Aos meus pais que foram meu apoio.
Aos meus irmãos que são os meus suportes.
Aos meus amigos que são minha família que escolhi.

Agradecimentos

Gostaria de começar agradecendo meus pais por sempre me apoiarem e serem meu suporte, Pai e Mãe sem vocês nada seria possível. Gostaria de agradecer meus irmãos, Iolanda, Gustavo e Guilherme, vocês me inspiram todos os dias a ser alguém melhor. Obrigada também às minhas madrastas, Leide e Marise, aos meus tios que sempre estiveram aqui e aos meus primos, em especial à Bárbara e Lucas por fazerem a minha vida mais feliz.

Nessa jornada a gente encontra muitos lugares e pessoas especiais, mas encontrar um lar é incrível e eu agradeço a República Terra de Godah por isso e por me dar um pedacinho dela que vou levar pra sempre comigo. Agradecimentos especiais às meninas que eu pude transmitir um pouco do que a Terra de Godah significa, que vocês também encontrem um lar nessa casinha. Além disso, gostaria de agradecer às Repúblicas Tranca Rua, Paróquia e Lança Perfume, obrigada por me acolherem quando eu precisei de fuga e por fazerem me sentir em casa com vocês, em especial aos meus amigos que fizeram parte da minha graduação e fizeram dela uma aventura mais fácil de se passar, Monara, Kayssa, Marcella, Filipe e Juliete, obrigada por tudo.

Encontrar pessoas que te completam durante a vida é fácil, mas eu tive a sorte de encontrá-las durante meus anos de graduação. Lara, Lady, Bozena, Bia, Franjas e Bismarck, vocês foram essenciais na minha graduação e são essenciais na minha vida, com vocês pude aprender a ser eu mesma, vocês fizeram eu ver a luz no fim do túnel, fizeram minha graduação ser mais leve e eu levo um pedacinho de cada uma para ser quem eu sou. Muito obrigada. E por último, Sthefany, obrigada por me ajudar a me reencontrar, por ser meu porto seguro e minha calmaria, você faz tudo ter mais sentido.

Em especial, gostaria de agradecer minha orientadora, Ana Mônica, obrigada pelos conselhos e puxões de orelha, tanto no projeto quanto na vida. E à minha psicóloga, Ana, obrigada por me ajudar a me manter sã durante todo o processo.

Resumo

Este trabalho retrata a criação de um vídeo documentário com o intuito de demonstrar a importância do Grupo Olodum para a valorização da cultura, resistência e auto-estima da população negra no Bairro Maciel/Pelourinho em Salvador - Bahia.

Através de imagens e vídeos retirados da internet, têm-se a recriação da história do bairro Pelourinho - juntamente com a história da cidade de Salvador -, demonstrando como o bairro colonial passou de elitizado para marginalizado, e a partir disso, tem-se o surgimento do Olodum para o resgate da resistência preta daquela população.

Palavras-chave: Olodum; resistência; Pelourinho; auto-estima afro

Abstract

This work portrays the creation of a documentary video with the aim of demonstrating the importance of the Olodum Group for valuing the culture, resistance and self-esteem of the black population in the Maciel/Pelourinho neighborhood in Salvador - Bahia.

Through images and videos taken from the internet, the history of the Pelourinho neighborhood is recreated - together with the history of the city of Salvador -, demonstrating how the colonial neighborhood went from elitist to marginalized, and from that, we have the emergence of Olodum to rescue the black resistance of that population.

Keywords: Olodum; resistance; Pelourinho; afro self esteem

Sumário

Sumário	7
Introdução	8
Desenvolvimento_	11
Vídeo Documentário	15
Referências	17

Introdução

Pensada e criada como forma de uma cidade-fortaleza no início da colonização portuguesa, a história da cidade de Salvador se mistura na história do Bairro Maciel, ou como é popularmente conhecido, Pelourinho, tendo em vista que foi criado juntamente com a expansão da primeira capital do Brasil. Por ser a parte mais alta da cidade, dava ampla visão de quem chegava pelo litoral, além de facilitar a entrada para o porto.

“A história do bairro soteropolitano está, intimamente, ligada à história da própria cidade, fundada em 1549, por Tomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil, que escolheu o lugar por sua localização estratégica — no alto, próximo ao porto e com uma barreira natural constituída por uma elevação abrupta do terreno, verdadeira muralha de até noventa metros de altura por quinze quilômetros de extensão, facilitando a defesa da cidade.”¹

Durante o século XIX, após a Guerra de Independência da Bahia, a elite soteropolitana passa a perder a importância social e política na população, e passam a migrar para outros locais de Salvador, saindo dos centros urbanos, e passando a habitar bairros mais afastados, como o Bairro Vitória. A partir disso, deixam as habitações do centro da cidade desabitadas, fazendo moradia para novos habitantes que vinham de fora da cidade e do país. “Nascimento (1985) traz relatos de estrangeiros habitando a cidade em meados do século XIX, dentre eles, franceses,

suíços, alemães e, inclusive, africanos livres, ricos e proprietários de escravos. Vasconcelos (2016) comenta, a respeito de estrangeiros, que foram importantes agentes sociais na cidade e menciona episódios no qual fluxos populacionais de outras partes do Nordeste se dirigiam para a capital baiana,

¹ HISTÓRIA do Pelourinho. **Luiz Guia de Turismo**. Disponível em: <https://www.luizguia.com.br/historia/historia-do-pelourinho>. Acesso em: 16 de Janeiro de 2024.

a exemplo de 1877, quando cerca de 780 retirantes cearenses que fugiam da seca foram acolhidos nela.”²

Na década de 1930, começa a ter um maior crescimento nas metrópoles brasileiras, baseadas em um viés europeu de modernização e urbanização das cidades. “O crescimento das metrópoles brasileiras ocorre na década de 30 com o processo de urbanização, industrialização e regulamentação do trabalho, assim fortalecendo uma atmosfera progressista e modernista, que propagava a ideia de qualidade de vida e excitava o aumento da oferta de mão de obra, fatores propulsores das migrações campo-cidade.”³

A partir daí, o bairro vai sendo marginalizado, virando um polo de prostituição “junto a monumentos em ruína e desabamentos, ocupados por pessoas exiladas do novo centro da cidade”⁴, fazendo com que o Pelourinho começasse a ser um bairro mais degradado política, social e economicamente.

No entanto, com a inclusão do Grupo Olodum, uma mudança significativa começou a tomar forma. Por meio de suas expressões artísticas, como a música, a dança e o teatro, o Olodum despertou um sentimento de orgulho e pertencimento na comunidade negra, resgatando suas raízes culturais e mostrando ao mundo a riqueza e a importância de suas tradições ancestrais. Ao ocupar espaços anteriormente negados, o grupo, que inicialmente foi formado por “prostitutas, travestis, estudantes, desempregados, artistas e marginais”⁵, reafirmou a resistência cultural e a força da identidade afro-brasileira, alçando vozes que outrora foram silenciadas.

Além disso, o Grupo Olodum tornou-se um catalisador de mudanças sociais, promovendo a inclusão e a diversidade no bairro Maciel/Pelourinho. Ao fomentar projetos educacionais e sociais, o grupo atuou como um agente transformador, inspirando jovens e adultos a abraçarem suas origens e apoiarem suas trajetórias históricas. O Olodum não apenas preserva as tradições

² RIBEIRO, Daniel. Migrações e processos socioespaciais no Eixo Pelourinho-Santo Antônio. Salvador, Bahia. Cad. Metrop., São Paulo, v. 23, n. 50, pp. 99-126, jan/abr 2021.

SANTANA, Leonardo Silvério de; MELLO, Márcia Maria C.; CAVALCANTE, Marília M. e SILVA, Ana Licks A. Uma análise sobre o crescimento da cidade de Salvador (Bahia) e os reflexos na segregação socioespacial. Conj. & Planej., Salvador, n.198, p.61-73, jan./jun. 2020

³ SANTANA, Leonardo Silvério de; MELLO, Márcia Maria C.; CAVALCANTE, Marília M. e SILVA, Ana Licks A. Uma análise sobre o crescimento da cidade de Salvador (Bahia) e os reflexos na segregação socioespacial. Conj. & Planej., Salvador, n.198, p.61-73, jan./jun. 2020.

⁴ *Ibidem*.

⁵ SANTOS, Rezia Manoela; LACERDA, Ayêska Paulafreitas de. Olodum: Uma luta pelo resgate da cultura negra. Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2014

culturais, mas também as revigora, adaptando-as ao contexto atual e mostrando sua fortaleza contínua na construção da identidade brasileira.

Alguns exemplos de tradição afro-brasileira que o grupo carrega em suas músicas e em seus projetos sociais e que buscam atualizar e adaptar para os meios que lhes são colocados diz respeito aos instrumentos musicais que são utilizados nas suas formas de fazer e compreender a música, com tambores como o atabaque e o timbau, além de outros instrumentos de origem africana. O olodum também utiliza da tradição e da ancestralidade nas suas danças, roupas e nas letras das suas músicas.

Pensando no conceito de tradição debatida por Felwine Sarr, sendo algo vivo, dinâmico e com constante evolução, retirando a visão colonialista sobre as tradições africanas “como sendo caracterizada por uma temporalidade imóvel, refratária à marcha da História e do progresso”⁶, as heranças ancestrais que o grupo Olodum pesquisa, estuda e incorpora na comunidade do Pelourinho⁷, visa trazer para o bairro a auto-estima, a resistência e a força da cultura afro, fazendo com que o legado permaneça, mas que se remodele a partir do ambiente e do meio que lhe é inserido, trazendo a memória por meio da ancestralidade para o presente.

⁶ SARR, Felwine. Afrotopia. 1º edição. Institut Français Brasil, Setembro de 2019.

⁷ SANTOS, Rezia Manoela; LACERDA, Ayêska Paulafreitas de. Olodum: Uma luta pelo resgate da cultura negra. Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

Desenvolvimento

O início da cidade, está localizada no que é conhecida como Cidade Alta, ou seja, o Pelourinho está localizado na parte mais alta da cidade, sendo que naquela época era importante essa localização pois podia-se ver as ameaças que vinham do mar, além de ser perto do porto e do então Mercado Central.

Tendo sua arquitetura colonial importada da arquitetura portuguesa, o Pelourinho foi habitado durante seu início pela elite colonialista, sendo composta por políticos, senhores de engenho, grandes comerciantes e o clero. Tem-se então ali naquela localização uma grande quantidade de igrejas, além dos edifícios dos poderes políticos, como a Prefeitura, Câmara Municipal, Sede do Governo do Estado e a Assembleia Legislativa, sendo que atualmente apenas a prefeitura e a câmara municipal permanecem naquela região. A arquitetura colonial está diretamente ligada a parte sócio-cultural daquela região, “a ação do poder local sobre a vida urbana, visando a modelagem da paisagem física e arquitetônica da cidade, não era algo

puramente técnico, nem destituído de tensões e conflituosidade. O padrão de “Urbis”, almejado pelos vereadores, carregavam componentes sócio-culturais, e mesmo político, dos estratos dominantes e sua implementação de forma sistemática implicava o acionamento de dispositivos de coerção social, destinados ao enquadramento da população.”⁸

No fim do século XIX e início do século XX, com a expansão da industrialização e do rápido aumento populacional nas cidades, principalmente na Europa e Estados Unidos, começa-se a pensar no higienismo urbano das cidades, ou seja, buscava-se uma melhoria na estrutura das cidades visando melhores condições de saúde pública e combate às epidemias que eram comuns nessas áreas urbanas altamente povoadas. Foi impulsionado por uma série de

⁸ SOUSA, A. Poder local e cotidiano: A Câmara de Salvador no século XVIII. Tese (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p.92. 1996.

fatores, incluindo o rápido crescimento da população nas cidades, a falta de infraestrutura adequada, a poluição e a falta de saneamento básico. Esses problemas levaram a condições insalubres, que, por sua vez, contribuíram para o aumento da mortalidade e a disseminação de doenças infecciosas.⁹

A partir desse pensamento higienista, começa-se a ter o discurso de eugenia que foi difundido por Francis Galton, sobrinho de Charles Darwin, no seu livro *Hereditary Genius* (1869). A ideia da eugenia estava atrelada a uma manipulação, coerção e controle da sociedade que o Estado utilizou por meios legais como forma de estabelecer quem eram aptos a essa modernização, que nos Estados Unidos e Europa se referiam à classe trabalhadora, tendo assim uma maior divisão de classes e, conseqüentemente, de raças¹⁰.

Em Salvador não foi diferente, utilizando-se do discurso de higienização e modernização, a população mais pobre e negra foi sendo excluída da expansão dos centros urbanos, sendo direcionados para as partes mais periféricas e marginalizadas da cidade. “No discurso modernizador, higienista em questão, a nova experiência urbana intentava e apregoava a

expulsão dos negros de seus territórios, bem como a condenação de suas práticas nos espaços públicos. [...] Especialmente na Primeira República baiana [...], as reformas tinham por caráter e discurso uma tal “desafricanização” do espaço urbano urgentemente ansiada pelas elites locais.”¹¹

Com a modernização ocorrendo no mundo e, conseqüentemente, em Salvador e com o grande fluxo migratório da elite para outros bairros, o Pelourinho começa a entrar em um processo de degradação social e política, com suas habitações sendo abandonadas. O Estado

⁹ FILHO, José Almir Farias e ALVIM, Angelica Tanus Benatti. Higienismo e forma urbana: uma biopolítica do território em evolução. Artigo Científico, urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana 14. 2022.

¹⁰ GIOPO, Cristiane. Eugenia: a higiene como estratégia de segregação. Educar, Curitiba, n.12, p.167-180, 1996. Editora da UFPR.

¹¹ BONFIM, Cibele Moreira Nobre. Direito à cidade e negritude. Tese em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia. p.1-14. 2019.

deixa de olhar para aquela região faltando assim políticas públicas acarretando em uma desigualdade social, aumentando a taxa de criminalidade, marginalidade e prostituição daquele local. A classe baixa passa então a ocupar essas edificações que estavam sendo abandonadas e passam a se inserir dentro daquela realidade social.

Em meados da década de 70, mais precisamente na data de 25 de abril de 1979, tem-se então a criação da banda Olodum, que nasce como uma forma de diversão e de lazer para os moradores do Pelourinho¹². Através das histórias e vivências daquela comunidade, a banda que é formada pelos sujeitos que pertencem àquele bairro, visa uma nova forma de participarem do carnaval.

A partir de 1983, tem-se então uma nova forma de olhar para as crianças e jovens daquela comunidade, com o intuito de tirar-lhes das “vadiagens” das ruas, inserindo-os em iniciativas culturais e educacionais, nascendo então juntamente com o Movimento Negro Unificado (MNU), o Grupo Cultural Olodum. “[...] eles decidiram por mudar radicalmente de um simples bloco de carnaval para um grupo cultural que visava o resgate, a valorização e a preservação da cultura negra.”¹³

Por meio de iniciativas sociais e educacionais, o Grupo Olodum funda então a Escola Criativa que visa a alfabetização das crianças do bairro, além disso, lançam campanhas contra de prevenção a AIDS, e campanhas contra a discriminação social, sexual e racial, inclusive colocando essas pautas nas letras das suas músicas que ficam sendo conhecidas mais adiante não só nacional mas também internacionalmente.

Por volta da década de 80, o Estado de Salvador começa a ter um olhar para o Pelourinho visando ao turismo naquela região. Começa-se, então, o processo de *gentrification*, que é um conceito do ano de 1930 que tem como intuito “a substituição de uma população com baixo poder aquisitivo por outra mais abastada”¹⁴, ou seja, a população que estava usufruindo daquelas edificações passam a ser expulsas e, após restauração dos casarões no início da década de 90, o governo tenta inserir novamente a classe alta naquele bairro.

¹² OLODUM: 40 anos de história. **Fundação Cultural Palmares, Governo Federal**. 26 de Abril de 2019.

Ministério da Cultura. Disponível em:

<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/olodum-40-anos-de-historia>. Acesso em: 16 de Janeiro de 2024.

¹³ SANTOS, Rezia Manoela; LACERDA, Ayêska Paulafreitas de. Olodum: Uma luta pelo resgate da cultura negra. Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

¹⁴ RIBEIRO, Daniel. Reflexões sobre o conceito e a ocorrência do processo de *gentrification* no Parque Histórico do Pelourinho, Salvador - BA. Cad. Metrop., São Paulo, v. 16, n. 32, pp. 461-486, nov 2014.

Contudo, “a população mais rica da capital baiana não tem interesse em habitar o centro”¹⁵, fazendo com que o público que viesse a habitar aquela região fosse imigrantes de outros estados do Brasil e de outros países. Com esse processo de *gettrification*, tem-se então uma limpeza social do bairro, agradando a classe média da cidade “que se sentia incomodada com o fato de ser o pelourinho local de prostituição, alta criminalidade e frequentado por uma população sem recurso.”¹⁶

Apesar de novamente a população negra ficar à mercê da sociedade, são eles que, juntamente com empresários locais, geram manifestações artísticas e culturais no bairro, atraindo turismo do mundo inteiro. Principalmente após a vinda do cantor pop Michael Jackson, que grava o videoclipe da música “They Don’t Care About Us”¹⁷ não só utilizando o espaço do Pelourinho, como também fazendo parceria com a banda Olodum com seus atabaques, tambores e percussões.

Agora conhecidos mundialmente, o Grupo Olodum passa a ser referência da música afro-brasileira, conseguindo visibilidade na sua luta anti racial, nos protestos a partir de suas canções e na valorização da cultura negra. Através de suas letras, o Olodum consegue transmitir o orgulho e o pertencimento da comunidade negra, resgatando suas raízes culturais e mostrando ao mundo a riqueza e a importância de suas tradições ancestrais.

¹⁵ Ibidem, p.472.

¹⁶ Ibidem, p.472-473.

¹⁷ JACKSON, Michael. **They Don’t Care About Us (Brazil Version) (Official Video)**. Youtube, 2 de outubro de 2009. 4min41s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QNJL6nfu__Q. Acesso em: 16 de janeiro de 2024.

Vídeo documentário

O Grupo Olodum, surgido no ano de 1979, teve como início sua luta contra a discriminação racial e social da população afro de Salvador, e seu nome faz referencia a um Orixá de religiões de matriz africana, o Olodumaré. - “Olodumaré é o deus supremo, universal, antigo e poderoso, o que está em tudo, presente em cada centelha de vida, no ar, na água, na terra, e no fogo.”¹⁸ - Pela crescente luta política e étnica no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. o Olodum viu uma oportunidade de se desenvolver e ampliar suas lutas, destacando a importância da cultura negra e promovendo uma luta contra a discriminação racial e a marginalização social.

Utilizando instrumentos de percussão, como tambores e atabaques, o Olodum utiliza do ritmo das músicas africanas em suas composições, sendo suas músicas uma das suas principais contribuições na resistência afro. Além disso, eles também desempenham grande participação educacional e cultural no bairro e na comunidade com atividades culturais, como oficinas de dança e música, contribuindo no aprendizado e nas formas de expressões, além de contribuir para a autonomia, na noção de responsabilidade, de coletividade para crianças e jovens de comunidades carentes, principalmente do bairro Pelourinho, visando fortalecer a autoestima e a valorização da herança africana na comunidade.

Sua presença marcante no Carnaval de Salvador ajuda a dissimular seus ativismos e suas causas, contribuindo para sua visibilidade e para a celebração da cultura afro.



<https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fpt.wikipedia.org%2Fwiki%2FOlodum&psig=AOvVaw0>

¹⁸ MARIRO, Blue. Olodumaré, Exu e Iyámi Oxorongá. Anais. Semana Nacional de Teologia, Filosofia e Estudos de Religião e Colóquio Filosófico Vol. 3 2021.

W0MghxXgyaFr0E84jsH0_&ust=1706767673111000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBIQjRxqF
woTCNiKr5eS_IMDFQAAAAAdAAAAABAD

Tendo em vista que o Grupo Olodum é altamente visual, em suas composições como estilos de roupas, passos de dança e formas artísticas de tocar os instrumentos, foi pensado este trabalho em forma de vídeo documentário para expressar visualmente a importância do Grupo Olodum. Para além das performances da banda, visa também demonstrar por meio de vídeos como a população negra sente um pertencimento estando nos ambientes no qual a banda toca.



Foto: Magali Moraes

<https://cdn.ibahia.com/wp-content/uploads/2023/01/1210x720/olodum1-1024x614-7.webp?fallback=https%3A%2F%2Fcdn.ibahia.com%2Fwp-content%2Fuploads%2F2023%2F01%2Folodum1-1024x614.jpg%3Fxid%3D966814&xid=966814>

Referências

BELITARDO, Adele. O Pelourinho em Salvador: da arquitetura colonial ao Olodum. **ArchDaily**, 12 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1001370/o-pelourinho-em-salvador-da-arquitetura-colonial-ao-olodum>. Acesso em: 16 de janeiro de 2024.

BONFIM, Cibele Moreira Nobre. Direito à cidade e negritude. Tese em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia. p.1-14. 2019.

FILHO, José Almir Farias e ALVIM, Angelica Tanus Benatti. Higienismo e forma urbana: uma biopolítica do território em evolução. Artigo Científico, urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana 14. 2022.

GIOPPO, Cristiane. Eugenia: a higiene como estratégia de segregação. *Educar*, Curitiba, n.12, p.167-180, 1996. Editora da UFPR.

HISTÓRIA do Pelourinho. **Luiz Guia de Turismo**. Disponível em: <https://www.luizguia.com.br/historia/historia-do-pelourinho>. Acesso em: 16 de Janeiro de 2024.

JACKSON, Michael. **They Don't Care About Us (Brazil Version) (Official Video)**. Youtube, 2 de outubro de 2009. 4min41s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QNJL6nfu__Q. Acesso em: 16 de janeiro de 2024.

MARIRO, Blue. Olodumaré, Exu e Iyámi Oxorongá. Anais. Semana Nacional de Teologia, Filosofia e Estudos de Religião e Colóquio Filosófico Vol. 3 2021.

OLODUM: 40 anos de história. **Fundação Cultural Palmares, Governo Federal**. 26 de Abril de 2019. Ministério da Cultura. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/olodum-40-anos-de-historia>. Acesso em: 16 de Janeiro de 2024.

RIBEIRO, Daniel. Reflexões sobre o conceito e a ocorrência do processo de *gentrification* no Parque Histórico do Pelourinho, Salvador - BA. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 16, n. 32, pp. 461-486, nov 2014.

RIBEIRO, Daniel. Migrações e processos socioespaciais no Eixo Pelourinho-Santo Antônio. Salvador, Bahia. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 23, n. 50, pp. 99-126, jan/abr 2021.

SANTANA, Leonardo Silvério de; MELLO, Márcia Maria C.; CAVALCANTE, Marília M. e SILVA, Ana Licks A. Uma análise sobre o crescimento da cidade de Salvador (Bahia) e os reflexos na segregação socioespacial. *Conj. & Planej.*, Salvador, n.198, p.61-73, jan./jun. 2020

SANTOS, Rezia Manoela; LACERDA, Ayêska Paulafreitas de. Olodum: Uma luta pelo resgate da cultura negra. Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

SARR, Felwine. Afrotopia. 1º edição. Institut Français Brasil, Setembro de 2019.

SOUSA, A. Poder local e cotidiano: A Câmara de Salvador no século XVIII. Tese (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p.92. 1996.